

# Tombos de Cambra, manuscritos do século XVIII

## Codex of Cambra, 18<sup>th</sup> century manuscripts

ANITA PEREIRA TAVARES

Bolseira no Arquivo da Universidade de Coimbra

[anitavares13@gmail.com](mailto:anitavares13@gmail.com)

Artigo enviado em: 27 de dezembro de 2018

Artigo aprovado em: 27 de fevereiro 2019

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo dar a conhecer ao público dois tombos de medição e demarcação de bens e propriedades do mosteiro de Santa Maria de Arouca, do século XVIII, localizados na terra de Cambra.

Através das escrituras que encontramos nos tombos podemos conhecer alguns bens que o mosteiro de Arouca possuía e recolher dados toponímicos, económicos (produção agrícola, gado e seus derivados), ou ainda medidas de capacidade e moeda em uso na época.

**PALAVRAS CHAVE:** Mosteiro de Santa Maria de Arouca; Cambra; tombo.

### ABSTRACT

This article aims to make known to the public two book of measurement and demarcation of properties of the monastery of Santa Maria de Arouca, dating from the 18th century, situated on the ground of Cambra.

Through the scriptures that we find in the codex we can meet some assets that Arouca's monastery had and gather toponymical data, economic data (agricultural production, livestock and their derivatives), or even measures of capacity and currency in use at the time.

**KEYWORDS:** Monastery of Santa Maria de Arouca; Cambra; codex.

## Apresentação

O fundo do mosteiro de Arouca que se encontra custodiado no Arquivo da Universidade de Coimbra é constituído por 353 unidades de instalação: 25 caixas, 325 livros, 2 maços e uma pasta.<sup>1</sup> Nesses 325 livros encontram-se dois tombos relativos a Cambra<sup>2</sup> (hoje concelho de Vale de Cambra) e o nosso estudo tem por objetivo dar a conhecer esses tombos<sup>3</sup>. Um reporta-se apenas ao concelho de Cambra<sup>4</sup> e o outro refere-se a Cambra e a Castro Daire<sup>5</sup>.

O cartório a que pertenceram estes dois livros sofreu várias desmembrações, sendo que também podemos encontrar documentação respeitante ao mosteiro de Arouca no Arquivo Nacional da Torre do Tombo<sup>6</sup> e no próprio mosteiro, sob a guarda da Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.<sup>7</sup>

Fundado no século X, o mosteiro situa-se em Arouca que faz confrontação com a terra de Cambra, proximidade que justifica o mosteiro ter vários bens em Cambra e, consequentemente, a existência destes tombos.

Inicialmente misto, tornou-se feminino durante o período de dominação de Toda Viegas.<sup>8</sup> Nos finais do século XII, torna-se beneditino. Em 1210, D. Sancho I, doa à sua filha D. Mafalda o padroado do mosteiro e, 14 anos depois, introduz nele a regra e costumes da Ordem de Cister.

O património, poder e influência desta instituição deve-se ao protagonismo de diversas mulheres que desempenharam funções de padroeiras e abadessas que o governaram.<sup>9</sup> Uma dessas mulheres foi Toda Viegas, padroeira e abadessa

---

<sup>1</sup> *Guia de fundos do Arquivo da Universidade de Coimbra*, 2015: 395. Aproveitamos para agradecer à Dra. Ana Maria Leitão Bandeira, técnica superior do Arquivo da Universidade de Coimbra, que, como sempre, nos esclareceu todas as dúvidas na elaboração do presente artigo e, igualmente, à Dra. Gracinda Guedes técnica superior do mesmo Arquivo, pela ajuda prestada.

<sup>2</sup> Arquivo da Universidade de Coimbra – Mosteiro de Santa Maria de Arouca (F). Cota: III-1.ºD-13-4-2 e III-1.ºD-13-4-38. O fundo não se encontra tratado arquivisticamente.

<sup>3</sup> Não pretendemos fazer uma descrição arquivística, apenas dar a conhecer os tombos e o seu conteúdo.

<sup>4</sup> AUC – Mosteiro de Santa Maria de Arouca (F). Cota: III-1.ºD-13-4-2.

<sup>5</sup> AUC – Mosteiro de Santa Maria de Arouca (F). Cota: III-1.ºD-13-4-38.

<sup>6</sup> Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Lisboa) – Mosteiro de Santa Maria de Arouca. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1459101>.

<sup>7</sup> Rêpas, 1998: 542-543.

<sup>8</sup> COELHO, 1989: 52.

<sup>9</sup> TAVARES, 2011: 76.

durante 40 anos (1114-1154), que conseguiu atrair as atenções régias, recebendo cartas de couto para esta comunidade religiosa.<sup>10</sup> De seguida, D. Mafalda que graças à sua governação e favores régios e pontifícios fez subir a importância do mosteiro. *A sua ligação à família real confere ao mosteiro de Arouca uma dignidade só comparável ao mosteiro de Lervão, entre as comunidades femininas.*<sup>11</sup>

Em 3 de junho de 1886 o mosteiro é encerrado definitivamente com a morte da última freira.<sup>12</sup>

Agora analisemos os tombos, que passaremos a chamar tombo 1 e tombo 2, sendo que o primeiro tem a cota III-1ºD-13-4-38 e o segundo tem a cota III-1.ºD-13-4-2.

### Tombo 1

O tombo encontra-se em relativo bom estado de conservação, apesar da sua encadernação em pele estar um pouco danificada. Os cantos das capas estão dobrados, a pele encontra-se rasgada e com diversas marcas de uso, além da lombada já não se encontrar completa. Mede 34x22 cm, com uma lombada de 5 cm. As capas contêm uma cercadura ornamentada e a lombada tem quatro nervuras. É composto por 305 meias folhas de papel numeradas.



**Imagem n.º 1** – Capa do tombo 1.  
Cota: AUC-III-1.ºD-13-4-38.

---

<sup>10</sup> RÊPAS, 2003: 25.

<sup>11</sup> RÊPAS, 2003: 25.

<sup>12</sup> Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Lisboa) – Mosteiro de Santa Maria de Arouca.

O manuscrito, redigido em português, contém um índice dividido pelas terras a que se refere: *Concelho de Cambra* e *Castro Dayre e outras partes*, mencionando igualmente os lugares e o nome dos enfiteutas. As suas datas extremas são: 1715-10-09 a 1722-09-24.

### **Tombo 2**

O tombo encontra-se em bom estado de conservação e mede 36x24 cm, com uma lombada de 8 cm. Encadernado em pele, tem a mesma cercadura ornamentada que o outro tombo. A sua lombada contém quatro nervuras e a goteira é vermelha. Tem, igualmente, ferros amarelados nos cantos e centro das capas além de duas correias em couro presas por 16 tachas em ferro, restando apenas uma fivela.



**Imagem n.º 2** – Capa do tombo 2.

Cota: AUC-III-1.ºD-13-4-2.

O livro, escrito em português, tem como título *Tombo do concelho de Cambra*<sup>13</sup> e contém um índice composto pelos lugares e os nomes dos enfiteutas.

---

<sup>13</sup> AUC – Mosteiro de Santa Maria de Arouca (F). Cota: III-1.ºD-13-4-2, fl. 1.

As datas extremas são 26-06-1706 a 12-11-1718.

Neste manuscrito, nas páginas iniciais foram transcritos diversos documentos como alvarás, petições, provisões e procurações, que deram origem a este tombo de medição, demarcação de bens e propriedades e foros.

O tombo é uma tipologia documental muito frequente nestas instituições monásticas, dado a sua importância como inventário de bens com as suas demarcações e confrontações, resultado de *tombar as terras*<sup>14</sup>. Para isso era necessário nomear um juiz – juiz de tombo – e um escrivão.

Aos 26 de junho de 1706, a abadessa e respetivas religiosas do mosteiro de Arouca, através do procurador padre Frei Pascoal de São Bernardo, com alvará real de D. Pedro II, datado de 7 de maio de 1706, pedem ao Dr. Mateus Afonso Soares que faça *Tombo medição, e demarcação de todos os bens, propriedades e foros que a ellas e seu Mosteiro pertenciam a sim nesta dita Villa de Arouca e seus termos de que o dito Mosteiro he donatario como de outros que tinha nesta comarca de Lamego, e na de Esgueira, e Entre Douro, e Minho, e outras*.<sup>15</sup>

Numa segunda petição de 10 de setembro de 1708, ficamos a saber que o Dr. Mateus Afonso Soares é nomeado juiz de fora da vila da Covilhã e que *pella distancia, e ocupaçoens de seu cargo, não pode continuar o dito Tombo, e o Doutor Faustino de Bastos Monteiro se acha desocupado pera o prosseguir*.<sup>16</sup> É então passada uma segunda provisão, desta vez por D. João V, a 25 de setembro de 1708, para que o Dr. Faustino de Bastos Monteiro continue e termine o tombo que havia sido principiado pelo Dr. Mateus Afonso Soares.

O escrivão nomeado foi Francisco Fernandes de Carvalho, que era escrivão dos direitos reais da vila de Estarreja.

Os inquéritos para a realização do tombo iniciaram-se a 9 de outubro de 1715 e terminaram a 27 de maio de 1716.

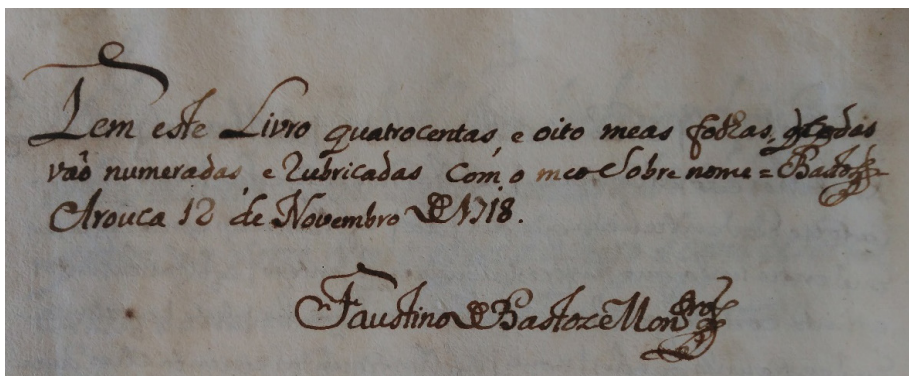
O manuscrito não contém termo de abertura, porém tem termo de encerramento datado de 12 de novembro de 1718, através do qual ficamos a saber que o tombo é composto por 408 meias folhas de papel numeradas e rubricadas com apelido *Bastos*.

---

<sup>14</sup> BLUTEAU (1721): vol. 8, p. 196.

<sup>15</sup> AUC – Mosteiro de Santa Maria de Arouca (F). Cota: III-1.ªD-13-4-2, fl. 2.

<sup>16</sup> *Ibidem*, fl. 5v.



**Imagem n.º 3** – Termo de encerramento.  
Cota: AUC-III-1.ªD-13-4-2. fl. 408v.

### Conteúdo dos tombos

Através dos índices, e da leitura dos prazos, conseguimos concluir que os tombos contêm, quase na totalidade, as mesmas escrituras, o que nos leva a crer que um dos tombos é o original e o outro uma cópia. cremos que o tombo 1 é o original e o tombo 2 a cópia, porque o primeiro tombo contém as escrituras com as assinaturas dos intervenientes e são diversas as correções e acrescentamentos que podemos encontrar ao longo do manuscrito.

O tombo 2 apesar de ser uma cópia e não sabermos para que efeitos serviria, tem uma caligrafia cuidada e uma encadernação mais trabalhada, tendo mais pormenores, como se pode ver pelas imagens n.º 1 e n.º 2.

Vejamos na tabela seguinte as informações que podemos retirar do índice do tombo 2:

Lugar	Nome dos enfiteutas
Vila Cova de Perrinho	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Catarina Lucas</li> <li>– Domingos Gonçalves</li> <li>– Mariana do Peso</li> <li>– Diogo Malafaia Mascarenhas de Arouca</li> </ul>
Pintalhos	<ul style="list-style-type: none"> <li>– João de Almeida</li> <li>– Isabel, filha que ficou de João Fernandes e Manuel João</li> <li>– Francisco Teixeira de Carvalho</li> <li>– Domingos Luís</li> </ul>
Vilarinho	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Domingos Gonçalves</li> <li>– João de Almeida</li> <li>– Francisco de Almeida</li> <li>– Francisco de Almeida</li> </ul>

Lugar	Nome dos enfiteutas
Paredes	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Maria Gonçalves e Manuel Carvalho</li> <li>– António Gonçalves</li> <li>– Francisco Nunes</li> <li>– Domingos de Almeida</li> <li>– António Gonçalves</li> </ul>
Carvalha	– Jacinto da Silva
Quintã	– João Jorge
Moradal	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Maria de Paiva</li> <li>– Maria Tavares, mulher do capitão António Borges de Almeida</li> </ul>
Quebrada de Lordelo	– Tomé Dias
Passo de Rôge	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Leonor do Couto</li> <li>– António Gomes da Amoreira</li> <li>– Jorge João</li> <li>– Maria do Couto mulher de Gabriel Torres</li> <li>– Pedro de Torres</li> <li>– Caetano</li> <li>– Maria Jorge mulher de Manuel de Torres</li> </ul>
Sandiães	<ul style="list-style-type: none"> <li>– João de Almeida</li> <li>– Maria da Fonseca</li> <li>– João de Torres</li> <li>– Domingos Pereira</li> <li>– António Duarte de Gatão</li> <li>– João de Barros</li> <li>– António Tavares</li> <li>– Aleixo Fernandes</li> <li>– João Jorge</li> <li>– António Luís</li> <li>– António Luís</li> </ul>
Fuste	<ul style="list-style-type: none"> <li>– João Pereira</li> <li>– João Jorge</li> <li>– Domingos Brandão do tapado</li> <li>– Manuel Jorge</li> <li>– Domingos Brandão do fundo</li> <li>– João Gonçalves</li> <li>– João Gonçalves</li> <li>– Domingos Gonçalves</li> <li>– Manuel Fernandes</li> <li>– João Gomes</li> <li>– Manuel Jorge da Nogueira</li> </ul>
Tabaço	<ul style="list-style-type: none"> <li>– António Fernandes</li> <li>– João Fernandes</li> </ul>
Vilar	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Maria Francisca</li> <li>– João, solteiro</li> </ul>
Cepelos	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Manuel Rodrigues</li> <li>– António Jorge</li> </ul>

Lugar	Nome dos enfiteutas
Merlães	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Manuel da Costa</li> <li>– António Gomes</li> <li>– António Pereira</li> <li>– Capitão Domingos Jorge da Costa</li> <li>– Maria Jorge</li> <li>– Isabel Fernandes</li> <li>– Isabel Fernandes</li> <li>– Capitão Domingos Jorge da Costa</li> </ul>
Calvela	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Manuel Fernandes</li> <li>– Pedro Fernandes</li> <li>– António Tavares</li> <li>– Gonçalo Henriques</li> <li>– Pedro Fernandes</li> <li>– Domingos João</li> <li>– António João</li> </ul>
Junqueira de Baixo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Manuel Fernandes</li> <li>– Manuel Fernandes</li> <li>– Domingos João</li> <li>– Francisco Fernandes</li> <li>– Francisco Fernandes</li> <li>– Manuel, filho de António Fernandes</li> </ul>
Junqueira de Cima	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Gonçalo Fernandes</li> <li>– João Henriques</li> <li>– Padre Pantaleão Godinho<sup>17</sup></li> </ul>

Além destas escrituras, há mais três que não vêm referidas no índice:

- Demarcação das póvoas de Pintalhos e Vilarinho, fl. 92;
- Demarcação com a igreja de Rôge, fl. 361v.;
- Demarcação de toda a póvoa de Calvela, fl. 364.

Excetuando esta última escritura da demarcação da póvoa de Calvela, todas as outras são comuns aos dois tombos.

O tombo 1 contém outras escrituras ainda relativas ao concelho de Cambra, feitas entre o 25-05-1916 e 10-07-1916 que não surgem no tombo 2 e que não sabemos porquê:

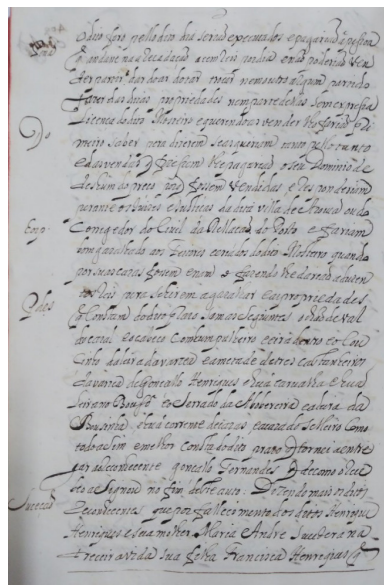
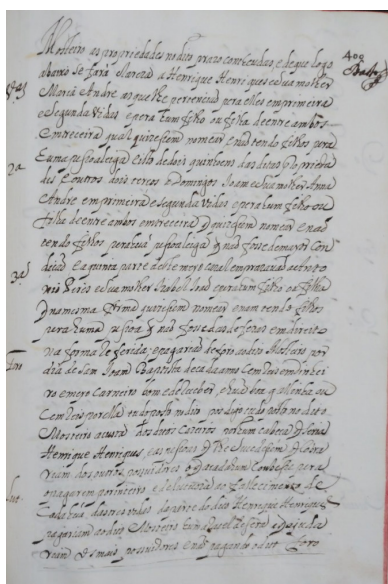
---

17 Apesar da referência no índice, a escritura não se encontra no tombo, pois está anotado que *vai no fim do tomo 24 fl. 205*. Esta nota também se encontra nas fl.188 do tombo 1. Esse referido tomo 24, faz parte do Fundo do Mosteiro de Arouca que se encontra no Arquivo da Universidade de Coimbra e é relativo a Maia e à Terra da Feira, cota: III-1.ºD-13-4-7.



Vila Cova de Junqueira	– Domingos Fernandes, Sebastião Martins e outros – Domingos Fernandes
Castelões	– Lourenço Caetano Pereira de Carvalho
Casal de Macinhata	– João Tavares – Domingos Tavares – Manuel de Almeida Santos – Manuel de Almeida e outros – Quinta do Souto – José Brandão do Armental

Na margem das escrituras do tombo 2 podem encontrar-se as seguintes palavras e abreviaturas em todas as escrituras: vidas ou v<sup>as</sup>, foro, pena, lut (lutuosa), d<sup>o</sup> (*domínio de des* – dízimo), pdes (propriedades) e sução (sucessão).<sup>18</sup>



**Imagem n.º 4 e 5** – Anotações nas margens.

Cota: AUC-III-1.ªD-13-4-2. fl. 400 e 400v.

<sup>18</sup> Para melhor compreensão destes termos foram consultadas as seguintes obras, para além de outras já citadas: *Dicionário de história de Portugal* (1992) Joel Serrão, dir. Porto: Livraria Figueirinhas; VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1865) – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. Disponível em <<http://purl.pt/13944>>.

Na sua generalidade as escrituras estão divididas por partes. A primeira, comum a todas, descreve o prazo: vidas, foro, pena, lutuosa, domínio, propriedades e sucessão. Além disso, a maioria das escrituras contém outras partes como a medição, sentença e publicação.

Os foros a pagar eram, essencialmente, dinheiro e galinhas. De seguida, surge com alguma frequência a manteiga e o pão meado ou pão traçado. Existem ainda, algumas referências à obrigação de entrega de linho, centeio, milho, frangão e carneiro.

O que era obrigatório e comum a todos os prazos era o pagamento da lutuosa e do dízimo.

Através das escrituras ficamos a conhecer não só os lugares como a freguesia a que estes pertenciam no século XVIII:

- Vila Cova de Perrinho – freguesia de Vila Cova de Perrinho;
- Pintalhos, Vilarinho, Paredes, Carvalha e Quintã – freguesia de Macieira de Cambra;
- Moradal e Quebrada de Lordelo – freguesia de Vila Chã;
- Passo de Rôge, Sandiães e Fuste – freguesia de Rôge;
- Tabaçó, Vilar, Cepelos e Merlães – freguesia de Cepelos;
- Calvela, Junqueira de Baixo e Junqueira de Cima – freguesia de Junqueira;
- Castelões, Macinhata – freguesia de Castelões<sup>19</sup>.

Apesar dos tombos serem do século XVIII, ainda hoje seria possível identificar quase todos estes lugares, além de que, até à reforma administrativa de 2013, todas estas freguesias existiam. Após a reforma de 2013, a freguesia de Vila Cova de Perrinho uniu-se à de Vila Chã<sup>20</sup>.

Estes tombos permitem-nos conhecer alguns dos bens que o mosteiro de Arouca possuía e recolher alguns dados económicos como a produção agrícola, pecuária e seus derivados, além de dados sobre medidas de capacidade e sobre a moeda, através dos foros estabelecidos, não esquecendo igualmente, a toponímia e as informações sobre a divisão administrativa do concelho de Cambra.

---

<sup>19</sup> Estes lugares e respetiva freguesia aparecem mencionadas apenas no tombo 1.

<sup>20</sup> Lei 11-A/2013.

## Bibliografia

- BLUTEAU, Rafael (1712-1728) – *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...* Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Disponível em <<http://purl.pt/13969>> (acedido em 25/02/2019).
- COELHO, Maria Helena da Cruz (1989) – *O baixo Mondego nos finais da Idade Média*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Dicionário de história de Portugal* (1992) – Joel Serrão, dir. Porto: Livraria Figueirinhas.
- FARIA, Maria Isabel (1988) – *Dicionário do livro: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico, etc.* Lisboa: Guimarães Editores.
- FARIA, Maria Isabel (2008) – *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina.
- Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (Lisboa) – Mosteiro de Santa Maria de Arouca. Disponível em <<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1459101>> (acedido em 25/02/2019).
- PAIVA, José Pedro Paiva, coord. (2015) – *Guia de fundos do Arquivo da Universidade de Coimbra* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- RÊPAS, Luís Miguel Malva de Jesus (2003) – *Quando a nobreza traja de branco: a Comunidade Cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues: 1286-1299*. 1ª ed. Leiria: Magno.
- RÊPAS, Luís Miguel (1998) – O Mosteiro de Arouca: os documentos escritos como fonte de conhecimento (1286-1299). *Humanitas*. Vol. 50, p. 539-586.
- TAVARES, Anita Pereira (2011) – *A medieva Terra de Cambra: território e sociedade*. Dissertação de Mestrado em História, na área de especialização em Territórios, Poderes e Instituições, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra: [Ed. do Autor].
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1865) – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. Disponível em <<http://purl.pt/13944>> (acedido em 25/02/2019).